

Celso Maria de Mello Pupo.

Com um marco a mais na vida do Museu Arquidiocesano de Campinas, fundado em 8 de março de 1964 por Sua Excia. o Senhor Arcebispo Metropolitano Dom Paulo de Tarso Campos, estamos comemorando o jubileu de posse em nossa cidade, do nosso antístite. Reunidos no palácio arquetiscopal, ha três anos, elementos que haviam de cuidar da sua administração, declarou Sua Excia. fundado o museu, elaborada sua lei constitutiva, a seguir sob registro público, dando-se início às atividades próprias da instituição, filiando-a como entidade complementar da Universidade Católica.

De caráter histórico, a amplidão do campo de cogitações do museu, não sofre restrições; da história geral da nossa terra, dos documentários, da Imprensa, da iconografia nos seus variados aspectos, dos autógrafos (recentemente enriquecidos com doação de Dona Odila e Herculano Pompeo de Camargo) da imaginária que lhe é campo mais abundante, parte o Museu para suas pesquisas, seus estudos, suas coleções. Na história da Igreja, procura os filões de conhecimentos, abrangendo biografias das suas figuras.

Com um jubileu tão cara a nós campineiros, com o passado tão formoso, tão dignificante da população católica, quasi integral, Campinas tem tido figuras de mais alto valor no seu episcopado e no seu clero, pois não teve moucos os ouvidos para os ensinamentos de grandes santos e doutores da Igreja, sobre a sublimação da dignidade sacerdotal e a santidade das suas funções com têda a maravilhosa amplidão da caridade cristã.

E eram muitas, em tempos decorridos, as famílias que faziam empenho em destinar filho, ou filhos, à vida sacerdotal; esta aspiração nascia, não só de velha tradição, mas de uma profunda convicção religiosa de têda a população, de têdas as famílias de nossa terra, cientes de sua elevação aos olhos de Deus, quando possuíssem religiosos para a bênção de sua estirpe.

Muitos pais procuravam na prole o menino mais qualificado para o sacerdócio e o encaminhavam a um preparo precoce, na aspiração idealística da hora feliz de ve-lo ordenar-se; pais e avós conheciam o valor de um descendente dedicado de forma integral ao apostolado cristão, da ordenação de um moço constituindo uma honra para o lar que o criou, uma dignificação do nome da família e uma santificação do ambiente familiar.

Na heráldica dos bispos de São Paulo, estão atestados do alto valor encontrado no sacerdócio, pelas grandes e nobres famílias antigas, evidência que aflora de um rápido memorar pelas oito primeiras armas episcopais do bispado de nosso Estado, com sede na Capital, bispado depois elevado a arcebispado e dividido em nove dioceses.

A começar pelo primeiro bispo, manifesta-se a pre-

ferência de cada um, pelos sinais de família, elevando-as e lembrando-as na sua dignidade episcopal.

O primeiro bispo de São Paulo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, nascido em 13 de junho de 1695 na casa de sua família, chamada a "Casa do Cimo da Vila" em Santa Marinha da Serra, graduou-se brilhantemente em cânones na Universidade de Coimbra para ser arcebispo em sua terra natal; foi familiar do Santo Offício e vigário geral e provisor do bispado de Funchal, sócio que regeitou, sendo, depois, vigário geral do arcebispado de Braga. Eleito bispo, êle que recusou o bispado de Funchal, aceitou o de São Paulo que não passava de insignificante vila na longínqua América; ~~mas~~ fêz a sua entrada solene na sede do bispado, aos 8 de dezembro de 1746, trazendo em suas armas episcopais, as armas hereditárias dos seus avoengos Rodrigues e Nogueiras.

Dom Antônio da Madre de Deus Galvão foi o segundo bispo de São Paulo; nascido em Lisboa em 1697, ordenou-se em 1721 e foi eleito bispo desta diocese em 1749, tomando posse do bispado em outubro de 1750. Suas armas episcopais também se compunham das armas da família Cavaleiro e Costa. Ainda armas de família usou o terceiro bispo, Dom Frei Manuel da Ressurreição, o prelado que autorizou a freguesia em capela provisória para que se fundasse Campinas; suas armas, escudo partido, continha à sua direita os distintivos de franciscano, a cruz e os braços sobrepostos, e à sinistra as cinco cabeças de ouro dos Amorins.

Distintivos franciscanos também continha a primeira pala das armas do quarto bispo, que não tomou posse, Dom Frei Miguel da Madre de Deus, cujas armas reproduziam as dos Rodrigues e dos Borges em sua segunda pala. Dom Mateus de Abreu Pereira, madeirense, quinto bispo empossado por procurador em 1796 e falecido em 1824 depois de um santo episcopado, usava as armas dos Pereiras e dos Abreus. Seu sucessor, Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrada, chegado à diocese em dezembro de 1827, por vinte anos exerceu seu pontificado; usava as armas dos Câmaras e dos Andradas, em escudo partido. Depois foi eleito o primeiro ~~brasil~~ brasileiro para bispo de São Paulo, o ituano Dom Antônio Joaquim de Mello, de quem se relatam fatos curiosos em Itu.

Conta-se que êste prelado, antes da ordenação, residia em sua terra natal, na chácara onde lecionava meninos; um dia recebeu a visita de sua tia paterna, Dona Gertrudes Celidônia de Cerqueira e Mello que se fêz conduzir em sua cadeirinha de dourados e brocados; esta sua tia era mãe do senador e ministro do Império, Francisco de Paula Sousa e Mello, e vinha em visita ao sobrinho que muito estimava e com quem palestrou demoradamente, despedindo-se, por fim, beijando-lhe a mão e tratando-o por excelência.

Padre Antônio contou aos íntimos a visita da tia Gertrudes e o pesar que lhe causou o tratamento de excelência, só justificado pela avançada idade da tia que demonstrava estar caducando ao trocar o tratamento habitual do sobrinho. Mas, três dias depois, nova visita da tia Gertrudes em sua cadeirinha, nova palestra com o mesmo tratamento de excelência, e novo pesar do Padre Mello que se convenceu

mesmo da caduquice de sua querida tia.

Outros dias após, correspondência oficial da Côrte anunciava a eleição do padre Mello para bispo de São Paulo. Era que a tia Gertrudes fôra antecipadamente avisada pelo filho ministro, sob rigoroso segredo, e cheia de justo orgulho e grande alegria, quiz ser a primeira a beijar as mãos do sobrinho elevado à plenitude do sacerdócio, ela que fôra esposa de um juiz e que era mãe de uma destacada figura de mais alto nível imperial, e que bem sentia a elevação da família na pessoa de um virtuoso e heróico prelado.

Dom Antônio Joaquim de Mello teve um episcopado brilhante de realizações; foi um denodado reformador dos hábitos do clero, compelindo-o ao verdadeiro, modesto e santificante apostolado. Ao escolher suas armas episcopais, revelou o engrandecimento que sentiam as famílias nas vocações sacerdotais, compndo-as com os sinais da tradição familiar dos seus antepassados, com as armas hereditárias que significavam a sua origem dos Mellos, Regos e Botelhos.

Este costume de perpetuar em armas episcopais os símbolos de família, foi constante no sólio paulopolitano desde o primeiro bispo até o sucessor de Dom Antônio, o oitavo bispo, Dom Sebastião Pinto do Rego que usava armas dos Pereiras e dos Pintos. Em seguida, deixaram os demais bispos o hábito de adotar armas de sucessão de família, para adotar simbologia pessoal, até o primeiro cardeal de São Paulo que voltou ao antigo uso com as armas dos Metasce Vasconcelos.

Figuram no Museu, em trabalhos de artistas, pintados ou em obra de metalha, como a recente doação do padre José Narciso Vieira Eremberg, as armas dos três bispos de Campinas, que serão acrescidas das adotadas pelos seus bispos auxiliares, arcebispo coadjutor e pelo nosso estimado metropolita.

---